

**INTERESSES E CONTEÚDOS CULTURAIS DO LAZER: PERMANÊNCIAS E
VARIAÇÕES DE UMA TIPOLOGIA**

**LEISURE CULTURAL INTERESTS AND CONTENTS: CONTINUITIES AND
VARIATIONS OF A TYPOLOGY**

**INTERESES Y CONTENIDOS CULTURALES DEL OCIO: PERMANENCIAS Y
VARIACIONES DE UNA TIPOLOGÍA**

Fábio Ricardo Mizuno Lemos ¹

1. Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Professor do Instituto Federal de São Paulo (IFSP São Carlos) e do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF/UFSCar). Líder do Núcleo de Investigações Progressistas em Educação (NINPED/IFSP).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9720009502941255>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6512-5056>

Email: mizunolemos@gmail.com

Submetido em 16 de junho de 2026

Primeira decisão editorial em 06 de agosto de 2026.

Segunda decisão editorial em 16 de setembro de 2026.

Aceito em 01 de outubro de 2026

RESUMO: Este ensaio discute os usos da tipologia dos interesses/conteúdos culturais do lazer no campo brasileiro, considerando permanências conceituais e variações terminológicas em sua circulação. A reflexão apoia-se em revisão narrativa que articula formulações de referência e dez artigos de 2024 a 2026, selecionados intencionalmente por sua relação com variações terminológicas, combinações entre categorias, mediações digitais, desigualdades de acesso e formação profissional. Os trabalhos selecionados mobilizam diretamente a tipologia ou oferecem elementos para interrogar seus usos e limites diante de experiências culturais, mediações contemporâneas e condições sociais de acesso ao lazer. Os diferentes usos dos termos expressam apropriações e acomodações conceituais que ajudam a compreender o lazer como prática social e dimensão da cultura. A tipologia permanece relevante quando amplia a

leitura das experiências de lazer e favorece perguntas sobre seus sentidos, mediações e condições sociais de fruição. Como linguagem histórica e aberta, contribui para situar o lazer em suas contradições, como direito social, experiência cultural e campo de disputa marcado por condições desiguais de tempo, convivência e participação.

Palavras-chave: Estudos do lazer. Conteúdos culturais do lazer. Cultura. Práticas sociais.

ABSTRACT: This essay examines the uses of the typology of leisure interests/cultural contents in Brazilian leisure studies, considering the conceptual continuities and terminological variations that accompany its circulation. The discussion draws on a narrative review that brings key formulations into dialogue with ten articles from 2024 to 2026, purposively selected for their relevance to terminological variations, combinations across categories, digital mediation, unequal access, and professional training. The selected studies either directly employ the typology or provide elements for examining its uses and limits in relation to cultural experiences, contemporary mediations, and the social conditions of access to leisure. The different uses of these terms reflect conceptual appropriations and adaptations that contribute to understanding leisure as a social practice and a dimension of culture. The typology remains relevant when it broadens the interpretation of leisure experiences and raises questions about their meanings, mediations, and social conditions of enjoyment. As a historical and open-ended language, it helps situate leisure in its contradictions: as a social right, a cultural experience, and a contested field marked by inequalities in time, social relations, and participation.

Keywords: Leisure studies. Leisure cultural contents. Culture. Social practices.

RESUMEN: Este ensayo discute los usos de la tipología de los intereses/contenidos culturales del ocio en los estudios del ocio en Brasil, considerando las permanencias conceptuales y las variaciones terminológicas que acompañan su circulación. La reflexión se apoya en una revisión narrativa que articula formulaciones de referencia y diez artículos de 2024 a 2026, seleccionados intencionalmente por su relación con variaciones terminológicas, combinaciones entre categorías, mediaciones digitales, desigualdades de acceso y formación profesional. Los trabajos seleccionados movilizan directamente la tipología u ofrecen elementos para interrogar sus usos y límites ante experiencias culturales, mediaciones contemporáneas y condiciones sociales de acceso al ocio. Los distintos usos de los términos expresan apropiaciones y ajustes conceptuales que ayudan a comprender el ocio como práctica social y dimensión de la cultura. La tipología mantiene su relevancia cuando amplía la lectura de las experiencias de ocio y favorece la formulación de preguntas sobre sus sentidos, mediaciones y condiciones sociales de disfrute. Como lenguaje histórico y abierto, contribuye a situar el ocio en sus contradicciones, como derecho social, experiencia cultural y campo de disputa marcado por desigualdades de tiempo, convivencia y participación.

Palabras clave: Estudios del ocio. Contenidos culturales del ocio. Cultura. Prácticas sociales.

FONTES DE FINANCIAMENTO

Não houve financiamento.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

INTRODUÇÃO

A tipologia dos interesses ou conteúdos culturais do lazer ocupa lugar recorrente no campo brasileiro dos estudos do lazer, sendo mobilizada em pesquisas, propostas pedagógicas, debates sobre formação profissional, políticas públicas, equipamentos, práticas corporais, tecnologias digitais, turismo, sociabilidades e experiências culturais diversas. Essa presença indica seu alcance interpretativo e, ao mesmo tempo, revela um movimento ambíguo: quanto mais a classificação circula, mais seus termos são retomados, combinados, substituídos ou simplificados, nem sempre com a necessária atenção às formulações que lhes deram origem.

Esse debate exige uma trajetória teórica explícita. O percurso adotado parte da formulação de Dumazedier (1980), acompanha sua recepção crítica no Brasil em Marcellino (1996, 2010), passa pelas ampliações e problematizações de Camargo (1989, 2016), Melo (2004) e Melo e Alves Junior (2012), e chega à proposição do conteúdo virtual por Schwartz (2003) e à revisão realizada pela autora vinte anos depois (Schwartz, 2023). A sequência não descreve uma continuidade sem conflitos, mas situa o que cada contribuição conserva, altera ou questiona.

O problema que orienta o ensaio pode ser assim formulado: o que se conserva e o que se desloca quando a tipologia circula por diferentes momentos dos estudos do lazer, recebe novas nomenclaturas e é empregada diante de experiências culturais que não estavam nomeadas em sua formulação inicial? O objetivo é discutir os usos da classificação dos interesses/conteúdos culturais do lazer entre permanências e variações, com atenção à autoria das proposições, aos sentidos implicados nas escolhas terminológicas e às condições sociais em que o lazer se realiza.

Trata-se de um ensaio teórico apoiado em revisão narrativa de literatura. Esse tipo de revisão articula contribuições escolhidas por sua pertinência ao problema e fundamenta uma discussão conceitual sem seguir a lógica de exaustividade das revisões sistemáticas. A flexibilidade do desenho, contudo, não dispensa a explicitação do recorte, dos critérios de seleção e do modo de leitura dos textos (Baumeister; Leary, 1997; Ogassavara *et al.*, 2025).

PERCURSO DE COMPOSIÇÃO DO ENSAIO

A revisão foi organizada em duas frentes. A primeira reuniu obras que compõem a trajetória conceitual examinada: a formulação de Dumazedier (1980), sua recepção e crítica em Marcellino (1996, 2010), a ampliação turística e a leitura histórica de Camargo (1989,

2016), a problematização dos conteúdos culturais em Melo (2004) e Melo e Alves Junior (2012), e a proposição e a revisão do conteúdo virtual em Schwartz (2003, 2023). Essas referências foram escolhidas por constituírem momentos distintos da elaboração, circulação, crítica e ampliação da tipologia no Brasil.

A segunda frente concentrou-se nas publicações recentes de dois periódicos especializados nos estudos do lazer: *Licere* e *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Para compor esse recorte, foram selecionados intencionalmente textos publicados de 2024 a junho de 2026 cuja temática dialogava com o problema do ensaio.

A composição do conjunto considerou trabalhos que mobilizassem diretamente a tipologia ou discutissem experiências capazes de interrogar seus usos e limites, especialmente em relação a variações terminológicas, combinações entre categorias, mediações digitais, desigualdades de acesso e formação profissional. A seleção foi intencional e não exaustiva, pois o propósito não foi quantificar a presença da tipologia no período, mas confrontar formulações teóricas e questões presentes na produção recente.

O conjunto final reuniu dez artigos: “Copa 10 de Agosto” da Polícia Militar: olhar a partir dos estudos do lazer (Maiettini; Silva, 2025), Possíveis relações entre lazer e *CrossFit* (Nascimento *et al.*, 2024), Feira Nacional do Doce de Pelotas: entrelaços entre gastronomia e lazer (Batista; Gastal, 2024), Conexões digitais: configurações da coletividade e das subjetividades no lazer (Schwartz; Carmo, 2026), Paisagem virtual e os *Green Game Jam* no enfrentamento à crise ambiental (Andrade *et al.*, 2024), Lazer e envelhecimento: uma análise da produção científica nos periódicos especializados nos estudos do lazer no Brasil (2020-2024) (Batista; Anjos Junior, 2025), Relatos na e da literatura sobre as barreiras ao lazer das mulheres (Conceição; Aguiar, 2024), Lazer e saúde mental no contexto da pandemia da Covid-19: algumas lições aprendidas (Barata *et al.*, 2024), Perfil e atuação profissional em lazer de egressos da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Manoel; Ribeiro, 2026) e Panorama dos cursos técnicos em lazer no Brasil: entre a formação e as perspectivas de atuação profissional (Silva *et al.*, 2025).

A leitura de cada texto considerou, quando presentes, a nomenclatura empregada, a autoria à qual a tipologia foi atribuída, a função que as categorias cumpriam na análise, as combinações entre interesses e os limites sociais ou tecnológicos mencionados. A comparação foi organizada em três eixos: a circulação histórica e autoral da tipologia; as variações terminológicas e seus efeitos conceituais; os usos e limites atuais diante das mediações

digitais, das desigualdades de participação e da formação profissional. Essa dinâmica orientou a passagem da fundamentação teórica para a discussão do campo revisado.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A tipologia dos interesses ou conteúdos culturais do lazer ganha densidade quando situada no percurso que a constituiu e nas diferentes leituras que recebeu no Brasil. Mais do que alinhar categorias, esse percurso aproxima a formulação inicial, as críticas ao seu enquadramento sociológico, as mudanças de nomenclatura e as ampliações propostas diante de novas experiências culturais.

Valores e conteúdos culturais do lazer (Dumazedier, 1980) resulta de um seminário realizado com profissionais do Centro de Estudos do Lazer do Serviço Social do Comércio de São Paulo (CELAZER), em Águas de São Pedro, em 1977, e foi publicado pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) em 1980. Dumazedier reconheceu que o livro fixava um momento específico das discussões sobre lazer e ação cultural na sociedade urbana brasileira daquele período. A reconstrução de Galante e Amaral (2022) reforça esse caráter situado e mostra que a obra nasceu do encontro entre as proposições do sociólogo francês e as experiências dos profissionais do Sesc. A tipologia, portanto, não surgiu como taxonomia universal e desligada da história.

Na edição brasileira de 1980, Dumazedier nomeia cinco conjuntos: lazeres físicos, práticos, artísticos, intelectuais e sociais. As categorias descrevem interesses predominantes que podem se combinar. No caso dos lazeres práticos, o autor inclui atividades manuais, como bricolagem e jardinagem, mas conserva “práticos” como nome da categoria. “Manuais” e “prático-manuais” aparecem com maior força na recepção brasileira posterior. A diferença não corresponde a uma correção da nomenclatura do propositor, e sim a uma reformulação que concentra a categoria na manipulação e transformação de materiais.

Marcellino (1996, 2010) participa diretamente dessa recepção. Ao apresentar os interesses físico-esportivos, artísticos, manuais, intelectuais e sociais como predominâncias inter-relacionadas, o autor amplia a circulação pedagógica da classificação. Ao mesmo tempo, situa Dumazedier no âmbito da sociologia empírica do lazer e retoma as críticas ao funcionalismo e ao pouco espaço dado à historicidade. Sua contribuição é decisiva para distinguir o valor histórico das categorias de uma adesão integral ao quadro teórico que as originou. O princípio que permanece atual é o da inter-relação entre interesses. A pretensão de

organizar de modo estável as experiências de uma sociedade industrial é o aspecto que mais solicita revisão.

Melo (2004) também não se limita a repetir a lista. Ao discutir os conteúdos culturais, reconhece a influência de Dumazedier e denomina “manuais” as experiências centradas na manipulação de objetos e produtos. Sua principal ressalva, contudo, está nos limites da classificação: uma prática não decorre de motivação única e as categorias servem como guia, não como fronteiras rígidas. Melo e Alves Junior (2012) mantêm essa leitura ao relacionar a tipologia à intervenção no lazer.

Nos interesses físicos, Dumazedier (1980) amplia o sentido da categoria para além dos exercícios físicos e do esporte. Sua formulação reconhece diferentes formas de relação com o corpo no tempo livre, incluindo práticas corporais, jogos, atividades ao ar livre e outras experiências nas quais o corpo participa da constituição de sentidos culturais no lazer.

Nos interesses artísticos, Dumazedier (1980) associa o lazer à promoção de uma cultura popular artística, à democratização do acesso às artes e à relação entre formas eruditas, populares e meios de comunicação. A categoria envolve mediações culturais, acesso público, formação do gosto, circulação das artes e participação em práticas culturais. Por isso, a tipologia já se organiza em torno de preocupações com a democratização cultural e com as condições pelas quais diferentes grupos sociais podem se aproximar das manifestações artísticas.

Nos interesses intelectuais, Dumazedier (1980) problematiza fronteiras entre conhecimento, informação, ciência e arte. Ao discutir os limites entre interesses intelectuais e artísticos, o autor mostra que uma mesma experiência pode mobilizar dimensões distintas, conforme o modo como é vivida e interpretada. A leitura de uma obra literária, por exemplo, pode envolver fruição estética, conhecimento histórico, reflexão social e elaboração crítica. Essa simultaneidade indica que os interesses operam como predominâncias interpretativas em experiências constituídas por múltiplos sentidos.

Nos interesses sociais, Dumazedier (1980) oferece uma contribuição importante para este ensaio ao tratar a sociabilidade como dimensão própria do lazer e, ao mesmo tempo, articulada aos demais interesses. O autor relaciona os interesses sociais às reuniões, conversas, associações, festas, atividades coletivas e formas de convivência, mostrando que o lazer se constitui também nas relações entre pessoas, grupos e instituições. Essa leitura indica que vivências físicas, artísticas, intelectuais, práticas ou turísticas ganham sentido social conforme os vínculos, encontros e modos de participação que se estabelecem.

Camargo (1989) retoma a classificação de Dumazedier, questiona divisões simplificadoras, como ativo/passivo ou recreação/cultura, e acrescenta o interesse turístico. Essa contribuição marca uma mediação brasileira da tipologia ao reconhecer deslocamento, visitação, contato com lugares, paisagens, patrimônios, culturas e modos de vida como questões relevantes para o lazer. Em sua leitura posterior do legado de Dumazedier, Camargo (2016) também recupera a dupla atuação do autor como sociólogo e educador, o que ajuda a compreender a classificação em relação à ação cultural e à educação permanente, e não apenas como inventário de atividades.

A inserção do interesse turístico amplia a relação entre lazer e território, mas não elimina as sobreposições entre categorias. Melo (2004) observa que o turístico pode ser lido como outro grupo ou como desdobramento dos interesses sociais. A questão não se resolve pela escolha de uma lista definitiva. Sua força está em perguntar como mobilidade, estranhamento, reconhecimento do lugar e convivência participam da experiência. Esse debate mostra que toda ampliação da tipologia corresponde a uma escolha teórica e histórica, não à simples descoberta de uma categoria ausente.

Schwartz (2003) propõe o conteúdo virtual do lazer diante da expansão da internet e das formas de interação *on-line* do início do século XXI. A autora recupera a função pedagógica da classificação e argumenta que as tecnologias digitais reorganizam acesso, comunicação e experiência no tempo disponível. A proposta nomeia uma mudança relevante, mas também guarda marcas daquele momento, sobretudo a separação mais nítida entre ambientes físicos e virtuais e a expectativa de que o acesso às redes se expandiria de modo contínuo.

Vinte anos depois, Schwartz (2023) revisita a proposição diante do metaverso, da inteligência artificial e das realidades virtual e aumentada. Noções como *homo zappiens*, *e-recreação*, *e-lazer* e *metalazer* deslocam o debate para ambientes híbridos, presença mediada e novas sociabilidades. Essa atualização conserva a pergunta sobre o lugar da tecnologia na experiência cultural, mas exige atenção às desigualdades de infraestrutura, letramento e tempo. Virtual, digital e metalazer não são equivalentes, pois cada termo destaca relações distintas entre corpo, plataforma, ambiente e participação.

A trajetória examinada delimita duas cautelas. A primeira é histórica: formulações de Dumazedier, Marcellino, Camargo, Melo e Schwartz respondem a problemas e contextos diferentes. A segunda é analítica: as categorias ganham sentido quando indicam predominâncias e relações, mas perdem densidade quando passam a classificar atividades de

modo automático. O que permanece é a pergunta sobre os interesses que orientam a experiência, suas combinações e suas condições culturais. O que varia são os nomes, os recortes e os problemas que cada momento acrescenta.

DISCUSSÃO DO CAMPO TEÓRICO REVISADO

Nos dez artigos recentes da *Licere* e da *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, parte dos trabalhos mobiliza diretamente a tipologia, enquanto outros oferecem elementos para interrogar seus usos e limites em práticas corporais, eventos esportivos, experiências gastronômicas, mediações digitais, condições de acesso e processos formativos. A comparação mostra permanências, variações e tensões. Nos textos que a mobilizam diretamente, uma mesma categoria pode cumprir funções distintas: descrever uma atividade, interpretar a predominância de um interesse, relacionar dimensões da experiência ou questionar barreiras à participação cultural.

Esse movimento se expressa nas variações terminológicas. Quando o interesse físico é nomeado como físico-esportivo ou físico-desportivo, a categoria se aproxima do universo do esporte e das práticas corporais institucionalizadas. A associação favorece o diálogo com pesquisas da Educação Física, mas pode estreitar a formulação de Dumazedier, que inclui experiências corporais não organizadas pelo rendimento, pela modalidade esportiva ou pelo exercício sistematizado. Nomear a variação é importante porque ela altera o alcance do conceito.

Nos interesses práticos, a mudança possui uma genealogia própria. “Práticos” é o termo empregado por Dumazedier (1980). “Manuais”, adotado por Marcellino (1996, 2010), Melo (2004) e Melo e Alves Junior (2012), destaca o prazer de manipular, criar, consertar ou transformar objetos e materiais. A forma “prático-manual” procura aproximar as duas tradições. Não se trata, portanto, de substituir uma tradução inadequada, mas de reconhecer uma renomeação posterior e seus efeitos. “Manual” torna mais precisa a referência à manipulação, embora possa reduzir a amplitude de “prático” quando a ação, o cuidado, o cultivo e outras formas de transformação ficam fora da leitura.

O conteúdo virtual intensifica o debate porque suas denominações acompanham mudanças rápidas nas tecnologias e nas sociabilidades. Conteúdo virtual, interesse virtual, lazer digital, *e-lazer* e *metalazer* não designam o mesmo recorte. O primeiro nome surge no contexto da internet do início dos anos 2000. Os demais procuram responder a plataformas móveis, jogos conectados, ambientes híbridos, inteligência artificial e experiências imersivas.

O rigor não está em fixar um termo único, mas em declarar qual relação entre tecnologia, cultura e lazer está sendo analisada.

As três variações examinadas – físico/físico-esportivo, prático/manual e virtual/digital – mostram que a linguagem da tipologia não é neutra. Cada escolha aproxima certos fenômenos e deixa outros em segundo plano. Por isso, a questão central não é decidir qual lista deve prevalecer, mas explicitar a autoria, o contexto e o efeito de cada denominação. Essa posição preserva a memória conceitual do campo e abre espaço para rever categorias diante de experiências que se transformam.

Nos artigos recentes, a tipologia também ajuda a interpretar como práticas vinculadas a um conteúdo predominante ganham densidade cultural. Em estudos sobre experiências corporais e esportivas, por exemplo, o interesse físico-esportivo aparece articulado a sociabilidades, pertencimentos, valores, prazer e modos de participação. A análise da “Copa 10 de Agosto”, da Polícia Militar, compreende o evento como predominantemente vinculado aos interesses físico-esportivos, mas também associado ao conteúdo social pela integração e confraternização entre participantes (Maiettini; Silva, 2025). A investigação sobre *CrossFit*, por sua vez, situa os interesses físico-esportivos e sociais como centrais para compreender o *box* como microequipamento específico, no qual exercício físico, bem-estar, prazer, diversão e socialização se articulam (Nascimento *et al.*, 2024). Esses trabalhos mostram que a prática corporal, quando analisada pelo lazer, envolve vínculos, usos do espaço, sentidos atribuídos pelas pessoas e formas de convivência, não apenas gesto motor ou desempenho.

A mesma abertura interpretativa aparece em experiências nas quais gastronomia, turismo, memória e sociabilidade se entrelaçam. O estudo sobre a “Feira Nacional do Doce de Pelotas” compreende o lazer gastronômico como prática cultural concretizada em evento público, marcada por identidade, ludicidade, sociabilidade, memória e significados culturais (Batista; Gastal, 2024). Nesse caso, a gastronomia aparece como experiência cultural que aproxima turismo, convivência, pertencimento e fruição. Ao lado dos estudos sobre eventos esportivos e práticas corporais em equipamentos específicos, essa análise reforça que os interesses/conteúdos culturais funcionam melhor quando compreendidos como predominâncias interpretativas. O ponto central está em perceber como uma prática de lazer reúne dimensões corporais, sociais, simbólicas, territoriais e afetivas em situações concretas.

Em Conexões digitais, Schwartz e Carmo (2026) retomam os conteúdos culturais do lazer sistematizados por Dumazedier e complementados por Camargo, mas deslocam a análise para experiências *on-line*, subjetividades, coletividades digitais e novas formas de

sociabilidade. O lazer virtual/digital aparece associado à formação de comunidades, à personalização de vivências e à sociabilidade síncrona e assíncrona, mas também a tensões relacionadas à superficialidade dos vínculos, ao isolamento e às condições de usufruto tecnológico. O estudo sobre paisagem virtual e *Green Game Jam*, de Andrade *et al.* (2024), acrescenta outra camada ao aproximar videogames, paisagens virtuais e estratégias pró-ambientais, indicando que os ambientes digitais também podem participar de processos de sensibilização ambiental. Em conjunto, esses trabalhos mostram que o virtual reabre a pergunta sobre como o lazer se constitui em redes, plataformas, jogos, ambientes simulados e paisagens digitais.

Essa atualização precisa ser relacionada às condições concretas de acesso às experiências de lazer. Os artigos sobre envelhecimento, barreiras vividas por mulheres e saúde mental em contexto de crise sanitária deslocam a discussão da identificação de preferências para a análise das possibilidades reais de fruição. Batista e Anjos Junior (2025), ao analisarem os estudos publicados sobre lazer e envelhecimento, observam a concentração de iniciativas voltadas à população idosa em perspectivas ligadas à saúde e ao assistencialismo e apontam a escassez de estudos que abordem o turismo como prática efetiva de lazer para pessoas idosas. Conceição e Aguiar (2024), ao discutirem barreiras ao lazer das mulheres, identificam tempo, cor e raça, recursos financeiros, gênero e sexualidade, espaço e segurança como dimensões que limitam experiências de lazer. Barata *et al.* (2024), ao tratarem lazer e saúde mental no contexto da pandemia da Covid-19, discutem como as restrições sanitárias reorganizaram tempos, espaços, sociabilidades e escolhas de lazer, com ampliação do consumo de entretenimentos virtuais e maior visibilidade de barreiras econômicas, educacionais e de acesso a espaços e equipamentos.

Lidos em conjunto, esses estudos adensam uma leitura crítica do lazer ao mostrar que os interesses culturais não correspondem apenas a inclinações individuais ou escolhas disponíveis no tempo livre. Eles se realizam em uma sociedade marcada por desigualdades de tempo, renda, gênero, raça, território, segurança, escolarização, saúde, trabalho, cuidado e acesso a equipamentos culturais. Por isso, falar em interesses físicos, sociais, artísticos, turísticos, práticos ou virtuais implica perguntar quem consegue vivê-los, em quais condições e sob quais limites materiais, simbólicos, territoriais e temporais. A tipologia ganha densidade analítica quando ajuda a nomear experiências desejadas, vividas ou restringidas, explicita ausências e torna visível que as possibilidades de lazer são distribuídas de modo desigual.

A formação e a atuação profissional no lazer também se vinculam a essa leitura. A análise de egressos da Faculdade de Educação Física da Unicamp mostra que parte significativa dos bacharéis não atua no campo do lazer e que, entre os que atuam, predominam inserções no setor privado, sem vínculo empregatício, em funções como monitoria/recreação ou coordenação (Manoel; Ribeiro, 2026). Já o estudo sobre os cursos técnicos em lazer no Brasil mostra que a formação profissional se organiza em diálogo com espaços, laboratórios, currículos e demandas culturais, políticas e econômicas, destacando a presença dos interesses físicos, artísticos, manuais, intelectuais e sociais nas condições materiais da formação (Silva *et al.*, 2025). Em conjunto, esses trabalhos aproximam formação profissional, condições de atuação e amplitude das experiências de lazer; no estudo dos cursos técnicos, a tipologia comparece explicitamente como referência para pensar os conteúdos e as condições materiais da formação. Formar profissionais para esse campo envolve mais do que oferecer repertórios de atividades, implica desenvolver condições para planejar, mediar e avaliar experiências culturalmente significativas, sensíveis às pessoas, aos territórios, aos equipamentos disponíveis e às desigualdades presentes na intervenção.

O conjunto analisado mostra que a tipologia permanece relevante justamente porque não circula de modo idêntico. Nos trabalhos que a mobilizam diretamente, seus usos organizam leituras sobre práticas corporais, mediações digitais e formação profissional; nos demais, experiências gastronômicas, turismo, desigualdades de acesso e outros problemas contemporâneos oferecem elementos para interrogar seu alcance e seus limites. Essa permanência solicita rigor na indicação das referências e atenção às variações. Quando físico-esportivo, prático-manual, virtual, digital ou metalazer aparecem sem explicação, uma linguagem analítica se reduz a vocabulário corrente e perde parte de sua história conceitual.

Entre permanências e variações, os interesses/conteúdos culturais continuam alargando a leitura do lazer como prática social e dimensão da cultura. A contribuição específica deste ensaio está em reunir autoria, historicidade e escolha terminológica no mesmo plano de análise. “Práticos” e “manuais” deixam de aparecer como sinônimos automáticos. O turístico e o virtual deixam de ser acréscimos naturais a uma lista. Cada denominação passa a ser lida como resposta a um problema situado. Nessa perspectiva, atualizar a tipologia significa relacionar seus nomes às experiências concretas e às condições desiguais de tempo, território, tecnologia, convivência e participação cultural.

CONCLUSÃO

A análise indica que a tipologia dos interesses/conteúdos culturais do lazer conserva força quando é lida como linguagem histórica de predominâncias inter-relacionadas. Seu valor não depende da estabilidade de uma lista. Depende da possibilidade de perguntar quais interesses orientam uma experiência, como se combinam e em quais condições sociais podem ser vividos.

A trajetória teórica também esclarece a questão da nomenclatura. Dumazedier (1980) emprega “práticos” para uma categoria que inclui atividades manuais. Marcellino (1996, 2010), Melo (2004) e Melo e Alves Junior (2012) difundem posteriormente “manuais” ou “prático-manuais”. A mudança não corrige a formulação inicial, mas registra uma apropriação que torna a manipulação de materiais mais visível e, ao mesmo tempo, pode estreitar outros sentidos do termo prático.

Marcellino (1996, 2010), Camargo (1989, 2016), Melo (2004) e Schwartz (2003, 2023) ocupam posições próprias nesse percurso. Marcellino situa historicamente a sociologia do lazer e reforça a inter-relação entre interesses. Camargo acrescenta o turístico e relaciona lazer e território. Melo assinala que a classificação serve como guia, sem conter a complexidade das escolhas. Schwartz nomeia mudanças ligadas às tecnologias digitais e posteriormente revê sua proposta. Reconhecer essas contribuições torna a trajetória mais nítida e evita que ampliações posteriores sejam atribuídas à formulação inicial.

O conjunto de dez artigos recentes confirma que a tipologia ainda participa de parte das pesquisas examinadas e que outros estudos oferecem elementos para interrogar seus usos e limites diante de temas como corpo, gastronomia, sociabilidade, turismo, tecnologias, envelhecimento, saúde, gênero e formação profissional. Em conjunto, indicam que os interesses e as possibilidades de lazer não se apresentam de maneira igual para todas as pessoas. Tempo, renda, raça, gênero, território, segurança, trabalho de cuidado, escolarização e acesso tecnológico delimitam a fruição do lazer. A atualidade da tipologia está, portanto, em articular categorias e vida social. Seu uso mais rigoroso conserva a memória das formulações, declara as mudanças de nome e mantém abertas as perguntas que novas experiências apresentam ao campo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. D.; CARMO, E. G.; FIGUEIREDO, J. P.; NASCIMENTO-CARDOSO, A. M.; RODRIGUES, N. H.; PEREIRA, D. W.; DIAS, V. K.; SCHWARTZ, G. M. Paisagem virtual e os Green Game Jam no enfrentamento à crise ambiental. **Licere**: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 27, n. 4,

p. 1-35, 2024. DOI: 10.35699/2447-6218.2024.57315. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/57315>. Acesso em: 16 jun. 2026.

BARATA, J. C. L.; HAMOY, J. A.; LOBATO, F. H. S.; ALBERTO, D. P. S. Lazer e saúde mental no contexto da pandemia da Covid-19: algumas lições aprendidas. **Licere**: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, p. 1-30, 2024. DOI: 10.35699/2447-6218.2024.57304. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/57304>. Acesso em: 16 jun. 2026.

BATISTA, F. E. A.; ANJOS JUNIOR, E. S. Lazer e envelhecimento: uma análise da produção científica nos periódicos especializados nos estudos do lazer no Brasil (2020-2024). **Licere**: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 1-30, 2025. DOI: 10.35699/2447-6218.2025.62768. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/62768>. Acesso em: 16 jun. 2026.

BATISTA, S. D.; GASTAL, S. Feira Nacional do Doce de Pelotas: entrelaços entre gastronomia e lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 49-70, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/58086>. Acesso em: 16 jun. 2026.

BAUMEISTER, R. F.; LEARY, M. R. Writing narrative literature reviews. **Review of General Psychology**, Washington, v. 1, n. 3, p. 311-320, 1997. DOI: 10.1037/1089-2680.1.3.311. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1037/1089-2680.1.3.311>. Acesso em: 16 jun. 2026.

CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAMARGO, L. O. L. O legado de Joffre Dumazedier: reflexões em memória do centenário de seu nascimento. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 142-166, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/519>. Acesso em: 28 ago. 2026.

CONCEIÇÃO, V. M.; AGUIAR, J. R. Relatos na e da literatura sobre as barreiras ao lazer das mulheres. **Licere**: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, p. 1-29, 2024. DOI: 10.35699/2447-6218.2024.57317. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/57317>. Acesso em: 16 jun. 2026.

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

GALANTE, R. C.; AMARAL, S. C. F. Publicações do CELAZER e sua influência nos estudos do lazer no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 135-153, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/37011>. Acesso em: 28 ago. 2026.

MAIETTINI, G. N.; SILVA, C. L. “Copa 10 de Agosto” da Polícia Militar: olhar a partir dos estudos do lazer. **Licere**: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 1-28, 2025. DOI: 10.35699/2447-6218.2025.61093. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/61093>. Acesso em: 16 jun. 2026.

MANOEL, M. I. D.; RIBEIRO, O. C. F. Perfil e atuação profissional em lazer de egressos da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 13, p. 1-21, 2026. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/62324>. Acesso em: 16 jun. 2026.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 1996.

MARCELLINO, N. C. Contribuições de autores clássicos modernos e contemporâneos para os estudos do lazer. **Licere**: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 13, n. 4, p. 1-42, 2010. DOI: 10.35699/1981-3171.2010.792. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/792>. Acesso em: 28 ago. 2026.

MELO, V. A. Conteúdos culturais. In: GOMES, C. L. (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 51-54.

MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. D. **Introdução ao lazer**. 2. ed. Barueri: Manole, 2012.

NASCIMENTO, A. F. S.; LUIZ, M. E. T.; CUNHA, B. F.; CORREIA, M. S.; MARINHO, A. Possíveis relações entre lazer e CrossFit. **Licere**: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 1-19, 2024. DOI: 10.35699/2447-6218.2024.54920. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/54920>. Acesso em: 16 jun. 2026.

OGASSAVARA, D.; FERREIRA, T. S.; TERTULIANO, I. W.; BARTHOLOMEU, D.; COSTA, J. F.; MONTIEL, J. M. Trilhas metodológicas para a revisão narrativa: orientações pragmáticas para sua elaboração. **Ensino & Pesquisa**, União da Vitória, v. 23, n. 3, p. 308-318, 2025. DOI: 10.33871/23594381.2025.23.3.10317. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/ensinoepesquisa/article/view/10317>. Acesso em: 16 jun. 2026.

SCHWARTZ, G. M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. **Licere**: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 23-31, 2003. DOI: 10.35699/1981-3171.2003.1468. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1468>. Acesso em: 16 jun. 2026.

SCHWARTZ, G. M. Lazer virtual 20 anos depois: homo zappiens e metalazer na pós-humanidade. **Motricidades**: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana, São Carlos, v. 7, n. 2, p. 105-113, 2023. DOI: 10.29181/2594-6463-2023-v7-n2-p105-113. Disponível em: <https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2023-v7-n2-p105-113>. Acesso em: 16 jun. 2026.

SCHWARTZ, G. M.; CARMO, E. G. Conexões digitais: configurações da coletividade e das subjetividades no lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 13, p. 1-18, 2026. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/64341>. Acesso em: 16 jun. 2026.

SILVA, A. G.; ALVES, C.; SANTOS, C. A. N. L.; SILVA, L. M.; SOUSA, M. C. M. M.; MACIEL JÚNIOR, M. L.; ISAYAMA, H. F. Panorama dos cursos técnicos em lazer no Brasil: entre a formação e as perspectivas de atuação profissional. **Licere**: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 1-34, 2025. DOI: 10.35699/2447-6218.2025.59117. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/59117>. Acesso em: 16 jun. 2026.